



“IERECÊ A GUANÁ”: MARCO DA FORMAÇÃO DA LITERATURA EM MATO GROSSO?

Luciana Alexandre Ribeiro Rodrigues (UFR)¹

Sheila Dias Maciel (UFR)²

Resumo: Por entre a conquista, a barbaridade e a turbulência do passado, emergem, em Mato Grosso, obras que trazem reflexões sobre o desenvolvimento cultural da região. Nelas estão o germe da identidade mato-grossense. Nesse âmbito, utilizando como referencial teórico Candido (2004); Magalhães (2001) e Medeiros (2000), propomos dialogar com o conto “Irecê a Guaná” (1874) com o objetivo de compreender os aspectos estéticos captados por Taunay e de refletir sobre a pertinência em aceitar o conto como uma possível obra literária inaugural para o estado. Ao final, ressaltamos que o importante não é só o resgate dessa bagagem do passado e das obras esquecidas pela crítica, mas a forma como, ao lermos, reinventamos o Mato Grosso, olhando com novos pontos de vista para a nossa identidade, que no século XIX já se formava e que, de algum modo, reflete-se nos dias atuais.

Palavras-chave: Literatura mato-grossense. Visconde de Taunay. “Irecê a Guaná”. Regionalismo. Identidade.

ABSTRACT: Amidst the conquest, the barbarity and the turmoil of the past, works that bring reflections on the cultural development of the region emerge in Mato Grosso. In them are the germ of Mato Grosso's identity. In this context, using as a theoretical reference Candido (2004); Magalhães (2001) and Medeiros (2000), we propose a dialogue with the short story “Irecê a Guaná” (1874) with the aim of understanding the aesthetic aspects captured by Taunay and reflecting on the pertinence of accepting the short story as a possible inaugural literary work. for the state. In the end, we emphasize that what is important is not just the rescue of this baggage from the past and the works forgotten by critics, but the way in which, as we read, we reinvent Mato Grosso, looking with new points of view for our identity, which in the century XIX was already formed and that, in some way, is reflected in the present day.

Keywords: Literature from Mato Grosso. Viscount of Taunay. “Irecê a Guaná”. Regionalism. Identity.

1. Aspectos iniciais

A literatura é uma expressão artística que reflete as representações da cultura de um povo. Pela observação da realidade, o autor constrói, por meio de sua sensibilidade estética, outra realidade imaginária, vinculadas ao olhar artístico e crítico, cujos resultados vertem a ficção. Assim, os autores do período do Romantismo fixaram-se no culto do sentimento e da

1 Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação PPGEdU/ Instituto de Ciências Humanas e Sociais/Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). Professora da Educação Básica na Secretária Estadual de Educação. E-mail luciana.alexandre@aluno.ufr.edu.br.

2 Docente titular do Curso de Letras / Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Rondonópolis (UFR). E-mail: sheila.maciell@ufr.edu.br



natureza, trazendo consigo um sentido novo de nação, na busca por uma identidade nacional. Nessa busca pela expressão de uma identidade que representasse o povo brasileiro, tornou-se importante apresentar a expressão própria, o particularismo e a identidade de cada lugar distante em oposição à Corte.

Inserido nesse ângulo de formação da identidade nacional, o escritor Alfredo d'Esgragnolle Taunay (1843-1899), durante suas andanças e marchas pelo interior de Mato Grosso, por causa da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, produziu uma literatura baseada na fisionomia geográfica, étnica, social e histórica da região. Com seu gesto observador, o artista viajante concentra-se na descrição da natureza e costumes, dando realce ao índio e ao sertanejo, habitantes da região. Não por acaso, Taunay é citado por Alfredo Bosi (1983, p. 160) como “descriptor”, ou seja, por conseguir, com sua experiência, descrever hábitos e paisagens do Brasil central.

Em 1874, Taunay publica a obra *Histórias Brasileiras* (Narrativas). Nela, está o conto “Irecê a Guaná”. Trata-se de um longo conto indianista que apresenta a história de Alberto (homem branco e rico que viaja para viver uma experiência diversa daquela comum da Corte) e Irecê (jovem índia que se apaixona por Alberto). “Irecê a Guaná” comporta questões que dizem respeito ao panorama literário de Mato Grosso, no entanto poucos trabalhos têm focalizado esta obra. Dentre eles, Antonio Candido o menciona elogiosamente no livro *Formação da literatura brasileira*, (1997, p. 280) ao afirmar que se trata de “[...] um belo conto, o melhor de quantos Taunay escreveu”.

Neste momento atual, considerado como globalizante, torna-se necessário buscar refúgio em algo que nos represente e ateste nossa existência como grupo cultural, como unidade, para que não se perca o que nos pode salvar do nivelamento que tenta igualar a sociedade contemporânea. E apesar de a pesquisadora Hilda Magalhães (2001) afirmar que a existência da literatura mato-grossense só ocorre nos primeiros decênios do século XX, não é destituído de significado acreditar que o conto “Irecê a Guaná” possa ser aceito como marco de fundação da literatura mato-grossense.

Partindo do problema central, para aceitarmos um marco de origem para a literatura mato-grossense, torna-se necessário investigar os aspectos regionais e políticos descritos na obra “Irecê a Guaná” que representam a cultura de Mato Grosso, bem como o que pode ter contribuído para que os teóricos da literatura de Mato Grosso não considerassem o conto de Taunay.



Hilda Magalhães (2001) tem definido como literatura do estado: “[...] textos escritos por autores que nasceram em Mato Grosso ou nele residem (ou tenham residido), contribuindo para o enriquecimento da cultura do estado.” (p. 18). Um outro critério também é aceito, atualmente, como literatura autêntica do estado: a obra de autor que tenha assumido o discurso mato-grossense, mesmo que não tenha vivido ou nascido aqui. Segundo a pesquisadora, apenas as obras de autores que estão enquadrados nestes requisitos correspondem à literatura propriamente dita do estado. Julgamos que tais paradigmas precisam de um olhar mais crítico. Defendemos que a modernidade descontextualiza identidades, propondo revisão de paradigmas, sendo por vezes necessária a busca de novas ideias que ficaram cristalizadas. Para tanto, é necessário repensar os obstáculos que nos impedem de vislumbrar a literatura de nossa região.

Neste âmbito, a fundamentação teórica selecionada com o intuito de repensar a literatura dita mato-grossense parte de duas frentes distintas. A primeira diz respeito aos críticos brasileiros que apresentaram, na linha do tempo, informações sobre a produção literária brasileira, como é o caso de Candido (1997), Bosi (1983) e Magalhães (2001). A segunda parte contém informações teóricas sobre o conceito de regional ou de mato-grossense, para que o trabalho possa seguir seu curso.

2. O início da literatura em *Matto Grosso*

O descobrir, conhecer e conquistar novos espaços e o progresso da recém-nação proporcionaram um espaço de amplas dimensões de sentimentos revolucionários com objetivos recheados de intencionalidades e significações. Neste quadro de tensões, foi produzida uma literatura com traços da paisagem e do povo brasileiro que continham os clamores da suposta nação. Neste desafio de escrita, surge, na literatura brasileira, o Romantismo Regionalista. A proposta estética dos romances regionalistas corresponde a expressões literárias postuladas na realidade do sertanejo, pela diferença de cultura, hábitos, práticas e identidade opostas ao homem da metrópole, vivendo em espaços distantes do centro de poder. Mato Grosso está inserido nesse processo histórico que contribuiu para afirmar os espaços e a cultura de um povo vivendo distante da corte. Engajado nessa proposta de resgatar a particularidade regional, Visconde de Taunay produziu grande parte de sua literatura.



Ele conheceu o Mato Grosso uno e seu território por causa de sua participação na Guerra contra o Paraguai, vivenciando, por esta empreitada, mais a região que atualmente pertence ao Mato Grosso do Sul. A dimensão que envolve o conto “Irecê a Guaná”, no entanto, retrata a secular Cuiabá e seu entorno, produto, possivelmente, da realidade e intimidade do escritor com as regiões da província de Mato Grosso. Para Candido (1997, p. 24), a literatura propriamente dita parte de um sistema de tradição, que é “[...] o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura como fenômeno da civilização.”

A visão do crítico pode nos servir de base essencial para a discussão sobre o conto “Irecê a Guaná” no que diz respeito ao seu caráter inaugural em face ao sistema reconhecido como literatura mato-grossense. Candido (2004) avança um pouco mais sobre o sentido da produção literária brasileira em relação a sua autonomia, quando se refere ao Romantismo. Para ele os escritores foram levados a exprimir aspectos como: “[...] o particular da terra e o particular do ser [...]” (Candido, 2004, p. 80).

De certo modo, Bosi (1983) também contribui para essa discussão ao afirmar que Taunay foi participante do grupo de escritores românticos que se empenharam em fazer literatura a partir do conhecimento de novas regiões em suas viagens, “[...] o seu interesse real e de ordem pictórica: a cor da paisagem, os costumes, os modismos [...]” (Bosi, 1983, p. 145). Para ambos, o Romantismo gerou uma literatura que inaugurou um olhar mais específico sobre o Brasil, buscando, por meio da linguagem literária, algo que preenchesse a noção de brasilidade, em seus vários matizes.

Ainda que Taunay não tenha nascido nem permanecido por longo tempo em terras mato-grossenses, sua obra assume um discurso regionalista e a passagem pelo Brasil central foi notadamente importante para a sua produção literária. Desta forma, seguindo os critérios apresentados, a obra do Visconde pode ser considerada mato-grossense. A contextualização do panorama de produção literária de Mato Grosso mapeada por Magalhães (2001) e Rubens Mendonça (1970), no entanto, informa que é apenas nas primeiras décadas do século XX que a literatura mato-grossense passa a existir. Segundo Magalhães:

Ao propormos o trabalho de compilação da história da produção literária de Mato Grosso dos anos 1930 a 1980, partimos, em princípios, além da constatação da inexistência de uma bibliografia atualizada sobre o assunto, também do pressuposto de que a literatura mato-grossense só teria uma



identidade própria e digna de registro a partir dos anos 1930, com o fluxo de progresso que liga Cuiabá aos grandes centros, o que ocorreu efetivamente a partir dos planos de integração nacional do Governo Vargas (2001, p. 310).

Mesmo o redimensionamento proposto por Magalhães (2001) merece ser rediscutido. Para a pesquisadora a literatura mato-grossense só teria uma identidade própria no século XX, mas é nosso intuito discutir a importância e o caráter inaugural do conto de Taunay. De fato, “Irecê a Guaná” corrobora com a ideia de que Taunay atua como descritor capaz de captar os sentidos e a realidade, “[...] misto de entusiasmo plástico e consciência dos problemas econômicos e sociais, alguns dos quais abordou com bom senso e eficiência [...]” (Candido, 1997, p. 277). O conto de Taunay capta essas expressões na medida em que vai se ajustando à realidade e definindo as particularidades da nossa região, como veremos adiante.

Como constatou Sérgio Medeiros (2000, p. 115), “[...] é um traço típico da literatura de Taunay a reelaboração da experiência e da memória”. O fato de Taunay ter se baseado em experiências vividas para produzir sua literatura parece significativo para a compressão de uma estética literária mato-grossense. De fato, Taunay soube imprimi-la no conto “Irece a Guaná”, que se destaca por conter o registro do panorama histórico.

Na obra, conduzida por um narrador em terceira pessoa, a ação acontece em vários locais da província de Matto Grosso, inclusive em Cuiabá. É narrada a história de amor de uma Índia Guaná pelo viajante Alberto Monteiro, que, no desfecho, após inúmeros circunlóquios e descrições do espaço e do idílio amoroso, segue sua viagem de volta para o Rio de Janeiro, ocasionando a morte da índia, pelo abandono do amante.

A singularidade deste conto não se faz pela corriqueira história romanesca da época, mas pelo fato de interpretar uma nova cultura e novas tendências estéticas, que surgiram no século XIX com o intuito de produzir uma literatura que representasse um povo inserido em seu espaço e tempo. Conforme Candido (2006, p. 79), “[...] certas manifestações da emoção e da elaboração estética podem ser mais bem compreendidas, portanto, se forem referidas ao contexto social”. Nesse sentido, por meio da trilha de Irecê, elementos importantes sobre a produção literária regional podem ser compreendidos. Assim, além de abordar a relação do índio com seu ambiente rústico, relatar o contato deste com outras culturas, discorrer sobre a vida no núcleo urbano da capital e abordar também as atitudes e sentimento do povo de Mato Grosso, Taunay incide na questão da formação da identidade.



Diante disso, evidenciamos que o texto literário em debate pode ser considerado como obra precursora da produção literária de Mato Grosso, pois, se este for comparado a outros textos referentes à estética literária mato-grossense, o leitor terá a clareza de estar diante de uma narrativa, pela singularidade dos fatos descritos, que evidencia uma sequência de episódios e de escolhas de linguagem que são relevantes porque próprios da região.

Para fortalecer ainda estas hipóteses Castrillon-Mendes (2013) propõe que provém da “sensibilidade” a percepção entre “o homem e a natureza” que o autor transpôs para sua obra com um equilíbrio ao relatar o modo de vida urbana em Cuiabá e o sertão exuberante e os índios, carregados de sentidos essencialmente mato-grossenses. Levado por esse equilíbrio estético, o autor soube descrever as relações e identidades do povo de Cuiabá, como podemos perceber o estilo do povo cuiabano registrado por Taunay (2000, p.18), “Os filhos da província de Mato Grosso têm todos o espírito muito inclinado para as transações comerciais e nelas desenvolvem o seu gênio naturalmente ativo, e tão atilado quão desconfiado”.

O autor registra a realidade de um mundo pouco conhecido, ou seja, essa obra de Taunay representa uma preciosa fonte de informação para o acesso à visão do estado de Mato Grosso. No trecho destacado, vemos, inclusive, que o escritor não faz menção apenas à paisagem, mas também ao ser que a habita. Além disso, traz, em seu enredo, contribuições para diversos campos de pesquisa, desde as manifestações cotidianas até informações de ordem socioeconômica e política, dado como é descrita a narrativa.

Nesse aspecto, Antonio Candido (1997, p. 275) elucida que Taunay foi um dos poucos escritores que conhecia o interior do país tanto que “[...] é particularmente um caso raro na literatura do tempo, para a qual trouxe uma rica experiência de guerra e sertão [...]”. Não só por narrar um idílio amoroso em terras do Mato Grosso, não só por descrever com apuro os frutos, árvores e paisagens locais, não só por descrever o tipo urbano, os costumes e características da sociedade de Cuiabá, mas por relacionar todos esses dados no âmbito literário, o conto em questão pode ser considerado como um marco na história da literatura de Mato Grosso. Diante do exposto, pode-se antever que “Irecê a Guaná” se constitui de um precioso registro sobre Mato Grosso no século XIX. O acesso a essa fonte permite a descoberta e o conhecimento de elementos significativos da formação sociocultural dessa porção do Brasil. A narrativa, no entanto, ficou esquecida e não entra na discussão proposta por teóricos que lidam com o tema da fundação de uma literatura mato-grossense.



3. “Irecê a Guaná”: lacunas historiográficas

No contexto historiográfico, de caráter seletivo, para consagrar determinada obra é necessário excluir outra. Assim, muitas lacunas acabam por serem formadas: “Irecê a Guaná”, uma delas, ficou esquecida desde a primeira publicação em 1874. É Antonio Candido (1997) que a traz de volta no livro *Formação da literatura brasileira*, como anotado anteriormente:

[...] um belo conto, o melhor de quantos escreveu - Irecê a Guaná, publicado em 1874 nas *Historias Brasileiras*, com o pseudônimo de Sílvio Dinarte; e, indiretamente, o que há de mais profundo em *Inocência*: o perfume indefinível da donzela sertaneja e a tristeza dos amores frustrados. (1997, p. 280)

Após 126 anos da primeira edição e algumas décadas dessa crítica de Candido, Sérgio Medeiros republica-o, com quatro textos críticos anexos à obra, são eles: “A sensibilidade e o bom senso do Visconde de Taunay”, de Antonio Candido; “As vozes do Visconde de Taunay”, de Sérgio Medeiros; “Índia romântica. Brancos realistas”, de Lúcia de Sá e “Irecê e Iracema: do verismo etnográfico à magia verbal”, de Haroldo de Campos. Excluindo-se esses anexos e a crítica empreendida por Candido, notamos uma lacuna de esquecimento que impera sobre “Irecê a Guaná”. Em trabalho anterior, Fábio Luis Silva Neves (2008), após procurar informações sobre o conto, afirma:

O conto “Irecê a Guaná” foi publicado inicialmente em 1874 na obra *Histórias brasileiras*, sob o pseudônimo de Sílvio Dinarte e somente republicado, desta vez em formato de obra, em 2000. Cento e vinte e seis anos separam a publicação inicial do conto desta republicação. Neste período formou-se uma lacuna crítica a respeito do conto que só foi analisado pela crítica oitenta e três anos depois (em 1957) por Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira* (Neves, 2008).

A historiografia literária, que se apoia no discurso crítico que gravita em torno das obras literárias, portanto, não se reporta a obras esquecidas, mantendo-as afastadas do cânone, por “[...] certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1996, p. 9). Diante do exposto, reconhecemos que há muito a ser estudado e compreendido nas letras do Brasil. Nesse contexto, mesmo o silêncio que pairou sobre o conto “Irecê a Guaná” não impediu que o mesmo fosse reeditado e analisado. O legado



deixado pelo autor nessa obra específica configura-se como um tesouro recém-descoberto, por isso, se torna necessária uma revisão de seu conteúdo. É preciso ter em vista que a modernidade propõe revisões de discursos. Assim, a partir dos questionamentos suscitados podemos reconfigurar e, ao mesmo tempo, entender esse vazio sobre a obra de um autor que ousou entender e escrever sobre essa parte do Brasil, mas que ficou esquecido pela crítica. Voltemos, portanto, a ela.

4. As marcas do Mato Grosso na trilha de Irecê

De todas as propriedades de um artista, talvez a que melhor defina a sua essência seja a capacidade de criação “[...] e é uma qualidade que não surge com facilidade nem com frequência. Mas quando isso acontece, o efeito, tanto no escritor quanto no leitor, é peculiarmente libertador” (Alvares, 2006, p. 23). O escritor, após superar obstáculos para construir sua trajetória literária, ao olhar para dentro de si e contemplar a sua voz, encontra, junto a ela, a cultura e a identidade de seu local de fala. Sempre que no Brasil foram colonizados novos espaços e novos encontros de várias culturas se realizaram, ocorreu o surgimento de uma nova cultura originada da mistura de pessoas.

No interior do estado de Mato Grosso, em meio a índios, negros e brancos, o “descritor” (Bosi, 1983, p. 160) colhe marcas da cultura local responsável pela construção de uma imagem particular do interior do Brasil. Deste advento surge a semente da literatura consagrada sobre o local, a partir de suas viagens em Mato Grosso. Na perspectiva de novas marcas locais do Brasil deve-se considerar que o escritor assumiu o discurso regionalista, sendo “O regionalismo [...] uma etapa necessária, em que a literatura, sobretudo o romance e o conto, focaliza a realidade local [...]”, conforme foi sugerido por Candido (1989, p. 159). O regionalismo assumia, então, a apresentação de novos espaços geográficos e sociais.

Nessa linha, foi necessário conhecer determinadas regiões a fim de compreender e expressar uma voz e uma estética literária, com o rigor dos traços, das particularidades e as mazelas da região. Taunay conhecia bem a região de Mato Grosso, de forma que as marcas do local na trilha de Irecê aparecem de forma intensa. Nessa pulsação específica da região, alguns cenários de quadros sobre o universo urbano, esclarecem como eram os indivíduos da cidade de Cuiabá na metade do século XIX, onde se concentrava o maior número de habitantes e as atividades comerciais de então “Os filhos da província de Mato Grosso têm



todos o espírito muito inclinado para as transações comerciais e nelas desenvolvem o seu gênio naturalmente ativo, e tão atilado quão desconfiado” (Taunay, 2000, p. 19).

Percebe-se facilmente que a cena figura a imagem da movimentação da província, e está associada aos aspectos da conduta humana. Descrições como: *ativo, atilado, desconfiado* são usadas para qualificar o estilo, a identidade do povo, cujas características denotam a movimentação social do meio urbano. Essas descrições vão além de simples percepções do viajante, pois configuram, de forma expressiva, um povo geograficamente isolado que, aos poucos, constituiu marcas próprias que saltavam aos olhos de quem por aqui passasse. Nessa experiência do olhar, ainda no início do trecho citado acima, percebe-se que não passou imune aos olhos do escritor, a inclinação do povo para o comércio, suficiente para atrair pessoas de outros locais para a região. Nota-se que, mesmo com dificuldade de grandes comunicações com a metrópole, o espírito do comércio já estava fecundado. “Também muito já falavam de ir buscar carregamentos de negócios a Cuiabá e na previsão de lucros proveitosos entregavam a mais expansiva alegria” (Taunay, 2000, p. 18).

É curioso observar que a informação sobre a importância do local para o comércio demonstra a relação que Cuiabá estabelece sobre as demais cidades do interior do estado, sendo lugar por onde passam pessoas de vários lugares, ou seja, local geográfico estratégico de entroncamento, que também acaba por impulsionar a economia. O panorama do olhar do outro que por aqui passa e tem suas impressões singulares da região, nota-se que, como nos dias atuais, muitos consideram o estado distante das grandes cidades, como no passado também era considerado periférico: “[...] tão civilizada no meio de imensos desertos” (Taunay, 2000, p. 22); “recomendo-lhe que fuja das coisas que o podem reter para sempre neste canto do mundo.” (Taunay, 2000, p. 22); “- Que belo canto do mundo para a gente viver tranquilamente e esquecida” (Taunay, 2000, p. 27); “[...], mas por isso ficará o SR retido nestes sertões?” (Taunay, 2000, p. 52).

Há certa concepção acabada do estado, que dialoga entre as impressões passadas e o presente: a descrição do local e a postura dos olhares atuais. Essa concepção nacional não traz o novo, mas ressignifica a tradição, a partir do conhecimento do local observado e vivido, definindo a marca própria do lugar interiorano. Outra marca, o calor escaldante, apesar de não ser uma característica unicamente de Mato Grosso, figura como uma das marcas recorrentes, sendo identificadas rapidamente pelo leitor que já vivenciou o Mato Grosso e aparece no



conto em algumas passagens: [...] numa tarde de calor intenso, foi desembarcar na capital de Mato Grosso. (Taunay, 2000, p. 20); O ar ali é puro, e a brisa sopra constante e quente [...] (Taunay, 2000, p. 25); À tarde, caiu em grande prostração e só se reanimou quando o frescor da noite veio suavizar o calor que fizera durante todo o dia. (Taunay, 2000, p. 26).

Enquanto, no início do conto, Taunay apresentou a movimentação urbana, o perfil do povo e o vapor quente que emana do local, na medida em que avança a narração, ele se volta com mais ênfase para o espaço natural.

Às vezes repentina quebrada rompe a monotonia de *cerrado* e deixa que a vista ganhe espaço para a esquerda. Então dilata-se o horizonte, e vêem-se campos ondedos, que sobem como gradis de um gigantesco anfiteatro até a fita da estrada: embaixo, ao longe, uma linha tortuosa e escura de mata indica um grande rio, e no fundo, emoldurado aquela bela paisagem, ergue-se altanada serra, coroada de pícaros escaldados e talhados de um modo tão surpreendedor, quão grandioso (Taunay, 2000, p. 24-25).

No espaço urbano, os indivíduos reinam e circulam de um lado para outro com seus espíritos atilados, no entanto, no espaço natural, a natureza assume uma atitude enérgica, percebe-se cada vez mais que o viajante avança na descrição do seu interior; a grandeza do espaço rústico é tão intensa que faz com que o estranho que a tome sintam-se pequeno, como Taunay descreve, classificando o espaço natural como gigantesco e grandioso. Ao mesmo tempo, aparece a escura mata e, após, as serras calvas

O importante é a movimentação de cenários, que emana de seu interior e abre caminho para pensar nas sensações que os colonizadores tiveram em suas aventuras no local, do mesmo modo que tudo é exótico e belo, a grandiosidade circunda os estranhos que por ela vagam, logo que estes se sentem estranhamente pequenos. A ideia de atitude enérgica tomada por parte da natureza sobre o colonizador é mais visível com o cair da noite.

Nessa hora, tudo é tristeza para a alma que as sombras da natureza parecem quererem também invadir. Entretanto era quando o coração de Ierecê pulsava com mais segurança e calma, embora o pio aterrado da Jaó acordasse melancólicos os ecos da floresta, embora o bacurau atirasse aos ares as plangentes notas da áspera garganta (Taunay, 2000, p. 35).

O texto acima comporta uma dose de lirismo, que demonstra toda a obscuridade do espírito do homem da metrópole diante do lugar desconhecido, já a índia sertaneja é apresentada com uma íntima comunhão com o espaço natural. Nessa abordagem, a voz do autor não ficou apenas na descrição do ambiente, mas na verdade individual que este ambiente causa no estado de espírito dos dois indivíduos. No conto, essa contraposição entre



o espírito de Alberto e de Irecê pode ser comparado aos fatos históricos, quando os colonizadores chegando às terras que seriam hoje Mato Grosso, sentiram-se como o visitante da corte de nome Alberto. Como aqui já havia habitantes, os indígenas, esse encontro foi conflituoso e cheio de contraposições, mas por final, por meio de negociações, alianças e jogo de interesses, os primeiros habitantes desta terra foram dominados, como a personagem Irecê.

As imagens desses dois estados de espírito se interpretam criando, por uma interligação, nova imagem, do mesmo modo que muitas pessoas de diferentes etnias vieram morar na região, para povoar o espaço solitário. O Mato Grosso aparece então como sendo espaço de entroncamento e oportunidades para o enriquecimento. Passando o estado a ser objeto de interesse de exploração, como afirma Higa (2005):

Com importância geopolítica e econômica reconhecida desde o Brasil Colônia, Mato Grosso começou a ser amplamente explorado a partir da segunda metade do século XX e, a partir da década de 1970, passou a receber estímulos para ocupação do seu território provenientes de diversos programas federais e estaduais que rapidamente o transformaram em um dos maiores produtores agropecuários do país (p. 08).

O desencadeamento desse processo de utilização da terra, já era possível perceber desde o período colonial. E foram práticas históricas que configuraram o que é o Mato Grosso hoje, como está registrado no conto, “ - O Sr. Faustino, continuou Júlio, acompanhou-me até cá, porque vem contratar uns índios para irem trabalhar na sua fazenda do Rodrigo [...]” (Taunay, 2000, p. 44). Mesmo meio tímida, a pecuária já era uma prática presente e como a mão de obra era escassa, os criadores procuravam os índios, tanto que esses desde o início da exploração exerceram um importante papel na ajuda aos bandeirantes, como guias pela mata e também como participantes da Guerra do Paraguai.

Do mesmo modo que cada lugar contém as marcas que deram início aos processos sócio-econômicos, também contém o belo; a flora exuberante marca bem visível nas páginas do conto, com a descrição das diversidades que existem e compõem a paisagem: “[...] não raras vezes em vasta extensão, de *piripiris*, juncos que mergulham as raízes n’ água ou no lodo e morrem na época dos grandes calores.” (Taunay, 2000, p. 24, grifos do autor); “[...] *umbu* que embalsama os ares com a fragrância de suas flores, grande cópia de *jataís*, de *piquis*, cujos frutos amarelo-avermelhados são tão bonitos, e de *mangabeiras* que nos meses de dezembro e janeiro[...]” (p. 24, grifos do autor); [...] a meia légua para lá da estrada, e



procuram a sombra de um grande grupo de palmeiras buritis para descascarem. (p. 26) e também no trecho “Feitas de pouco e cobertas de palmas de carandá [...]” (p. 28).

Nessa riqueza de diversidade da flora, a fauna também está presente: “[...] nas cabeças dos pacus e caudas de pirapitangas” (Taunay, 2000, p. 23); “embora o pio aterrado da Jaós acordasse melancólicos os ecos da floresta, embora o bacurau atirasse aos ares as plangentes notas da áspera garganta” (Taunay, 2000, p. 35); “Eram as conferências do feiticeiro com *acauã*, espécie de gavião pequeno que solta guinchos finos, acentuando as sílabas que lhe deram o nome- a- cau-ã, pássaro agoureiro no dizer dos índios[...]” (Taunay, 2000, p. 39, grifos do autor).

Assim, essa rica diversidade do sertão mato-grossense e o isolamento geográfico propiciaram a culinária tipicamente ligada à plantação rústica, à caça e à pesca, como em menção às “cabeças de pacus e caudas de pirapitangas”. (Taunay, 2000, p. 23) e nas informações contidas no trecho abaixo:

[...] Irecê tinha por costume esperá-lo com uma cestinha de frutas da terra, bananas, mamões e jaracatiás, ou outros mais incultos como o mureci dos cerrados, a marmelada do campo, a guabiroba ou a uvaia, que, apesar do sabor agreste, agradam bastante o paladar. Apenas chegada à caça, a índia a depenava com esmero antes de entregá-la aos cuidados de Florindo [...], para os misteres da cozinha, da gordura geralmente empregada em Mato Grosso: a graxa de boi. (Taunay, 2000, p. 33).

No conto “Irecê a Guaná”, várias características inerentes ao estado estão presentes, desde dados da natureza até detalhes da culinária local. A voz dos habitantes típicos deste lugar, mesmo nas poucas vezes em que essa fala foi registrada, aparece de forma rústica e grifada no texto em itálico. No exemplo, o personagem sertanejo Florindo:

- Não se fie nisso, lhe disse Florindo, o soldado que Júlio deixara ao amigo para camarada, *ansimé* que são as maleitas. Mas *vossuncê* não *precisa* para sarar ir até a *cidade*; fique uns pares de dia na aldeia e os ares de lá sacodem a *maldade do seu corpo*. (Taunay, 2000, p. 27, grifos do autor);
- Nhô-não, respondeu Florindo: aqui mora o velho Morevi, quiniquinou muito meu conhecido e que é *mandingueiro*. (Taunay, 2000, p. 28, grifos do autor).

Nesses dois pequenos trechos é possível perceber a voz do sertanejo de então. Da mesma forma que pouco está presente a voz do sertanejo, as personagens indígenas também foram reduzidas à mínima fala no conto. Hoje já se encontram escritores indígenas que tem contribuído para transpor para a escrita toda essa carga histórica literária, que visam a



disseminar por meio de reflexões na escrita e por olhares próprios. Esse resgate da literatura oral indígena para a escrita por parte de escritores índios pode ser visto como uma disposição que afirma preservar e promover a identidade cultural indígena, assim como fizemos ao longo deste capítulo resgatando marcas (humanas, linguísticas, culturais, gastronômicas, naturais e vegetais) presentes no conto, que nos representam ou contribuíram para demarcação de nossa consciência identitária mato-grossense.

5. Conclusão: um conto inaugural?

Partimos da perspectiva de que “A criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo” (Candido, 2006, p. 55) e que o Mato Grosso se configurou como um espaço distante da metrópole, com muitos problemas de acesso e como uma região com riquezas significantes de minérios. Por outro lado, o espaço geográfico em que o estado está inserido, atendia à necessidade estratégica de defesa contra o inimigo, que, no período oitocentista, seria o Paraguai. Nessa confluência por meio dos registros da história podemos conhecer as marcações históricas de um determinado lugar. A historiografia também é produto de seu tempo, por meio dela podemos ter acesso a textos de ficção, que reúne autores que escreviam e refletiam, em um determinado período, de forma artística, a ordem socioeconômica e política de um determinado local.

A literatura “[...] é a experiência humana que ela transmite, é o sentimento, é a visão da realidade [...]” (Coutinho, 1981, p. 14), assim a literatura pode revelar a individualidade que reflete a continuidade cultural de um tempo, ou seja, por meio dela podemos compreender como se configuraram determinadas particularidades, que compõem uma determinada cultura. Sabemos que, por Mato Grosso, passaram diversos autores, que em suas obras souberam imprimir fatos, que aconteceram no estado, ações bárbaras, que ocorreram no passado em cenários exuberantes. Alguns desses escritores eram viajantes, que fizeram retratos expressivos da região e contribuíram para a propagação do local e para a formação sociocultural do estado.

É sabido que mesmo com problema de acesso até a província, no século XVIII, em Cuiabá iniciaram as primeiras representações artísticas, “[...] a grande expressão artística do mato-grossense, presente, sobretudo em festividades públicas, exercendo considerável influência no desenvolvimento cultural do estado naquela época.” (Magalhães, 2001, p.30).



Sendo assim, desde os primeiros séculos já havia um público que se interessava por expressões artísticas. Esses dados nos remetem à origem da nossa historiografia literária, quando os críticos de Mato Grosso, no intuito de buscar autores que fizeram parte das manifestações culturais do estado, postularam a necessidade de identificação de obras que em suas letras carregassem a cultura mato-grossense, para qual se fazia fundamental a identidade e o registro da cultura do estado.

Com esse intuito, Rubens de Mendonça em 1970 publicou a *História da literatura mato-grossense*, em 1982, Lenine Póvoas também publica a *História da cultura mato-grossense* e, após, Hilda Gomes Dutra Magalhães publica, em 2001, *História da literatura de Mato Grosso*. Logo no início Magalhães (2001) questiona sobre uma literatura produzida em Mato Grosso. De certa maneira o questionamento da autora conduz à discussão sobre o esquecimento de muitas obras das primeiras eras. Após esse questionamento, a escritora delimita que a literatura mato-grossense, como um conjunto relevante, se inicia apenas no século XX. A delimitação estabelecida pela autora exclui as obras de autores dos séculos anteriores. Assim, pensar que apenas no século XX que se configura a identidade de uma literatura capaz de carregar em suas letras a predição da cultura do estado, nos leva a implicações muito mais complexas.

Dessa forma, como ficaria todo o material produzido por autores, antes do período estabelecido pela historiadora? Por exemplo, e as marcas literárias de Mato Grosso no período colonial, que foi a base de nossa cultura, que sedimentou em nossa história e configura a sociedade de Mato Grosso hoje, como não as reconhecer? Se a literatura faz parte do social, e os escritores transportam, para a literatura, as manifestações e mazelas sociais de forma artística, a desconsideração deste alicerce retira da literatura mato-grossense uma base que a sustente enquanto tal. E assim refletindo “Certas manifestações da emoção e da elaboração estética podem ser melhor compreendidas, portanto, se forem referidas ao contexto social”. (Candido, 1997, p. 69). Logo, é inegável o elo entre literatura e sociedade, pois nelas encontramos singularidades inerentes à essência da condição humana.

Na obra “Irecê a Guaná” além das informações que são referentes ao Mato Grosso, também ficou evidente que o estado esteve inserido no processo histórico do Romantismo Regionalista, que procurava afirmar novos espaços culturais e povos que se encontravam



vivendo distantes dos grandes centros de poder. Dessa forma, muitos escritores, que estavam engajados nesse movimento, transpuseram identidades distintas para suas obras.

Nesse esteio de estímulo social e busca de identidade, o conto que analisamos, sobressai como obra inaugural da produção do passado literário referente a Mato Grosso, visto que por meio dele é possível nos situarmos em acontecimentos históricos, discussões políticas e bio-culturais, que fizeram parte da afirmação do estado. Apesar de relacionar dados no âmbito literário para o estabelecimento de nossa identidade, ficou evidente que sobre a obra pairou uma enorme lacuna crítica. Notamos também que a crítica produzida em Mato Grosso contribuiu para o esquecimento de “Ierecê a Guaná”. Nas questões que tratam do esquecimento da obra demos maior ênfase à historiografia proposta por Hilda Magalhães (2001), que afirma que apenas as obras escritas após o século XX, por autores que nasceram ou residiram em Mato Grosso, se enquadram como literatura que representa o Estado. Nessa perspectiva de pertencimento proposta pela escritora, a obra ficou excluída mais uma vez.

Trazer à tona o conto de Taunay, portanto, é acreditar que a literatura mato-grossense, mesmo que de maneira esparsa, já florescia no século XIX, ainda que o público leitor fosse insuficiente. Além disso, a leitura do conto e a demarcação de seus traços regionalistas nos leva a acreditar que alguém que não tenha nascido nem residido no estado pode assumir um discurso regionalista que nos represente. Dessa forma, ressaltamos que o importante não é só o resgate dessa bagagem do passado e das obras esquecidas pela crítica de outrora, mas a forma como, ao lermos, reinventamos o Mato Grosso, olhando com novos pontos de vista para a nossa identidade que, no século XIX, já se formava e que, de algum modo, reflete-se nos dias atuais.

6. Referências

ALVARES, A. **A voz do escritor**. Tradução de Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cortes, 1983.

BOSI, Alfredo. **Céus, inferno**. 2 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e Subdesenvolvimento”. In. **A Educação pela noite e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Ática. 1989.



CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 2 vols. 8 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

CANDIDO, Antonio. **O Romantismo no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. **Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

COUTINHO, Afrânio **Conceito de literatura brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1981. 168p. (Coleção Mestrado; v. 6).

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 15 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HIGA, Tereza Cristina Souza. **“Contextualizando Mato Grosso”** In: MORENO, Gislaine; HIGA, Tereza Cristina Souza (orgs.). *Geografia de Mato Grosso: território, sociedade ambiente*. Cuiabá: Entrelinhas, 2005, p.8-15.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **História da Literatura de Mato Grosso: Século XX**. Cuiabá: Unicen, 2001.

MEDEIROS, Sérgio. **As vozes do Visconde de Taunay**. In: TAUNAY. *“Irecê a Guaná”*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

MENDONÇA, Rubens de. **História da literatura mato-grossense**. Cuiabá-MT: Ed. do autor, 1970.

NEVES, Fábio Luis Silva. **“De Irecê a Guaná: história e ideologia em Visconde de Taunay”** In: Anais do XI Congresso Internacional da ABRALIC: **Tessituras, Interações, Convergências**. São Paulo: USP, 2008.

PÓVOAS, Lenine C. **História da cultura mato-grossense**. Cuiabá-MT: Ed. do autor, 1982.

TAUNAY, Alfredo d’Esgragnolle. **Irecê a Guaná**. São Paulo: Iluminuras, 2000.